

As histórias tradicionais do arco e flecha como símbolos da luta na educação escolar do povo Haliti Paresí

RESUMO

Elias Antunes dos Santos

eliasantunes@unemat.br
orcid.org/0000-0002-1245-550X

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), Curitiba, Paraná, Brasil.

Leandro Nenezokae

nenezokae2019@Outlook.com

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil.

Hellen Cristina de Souza

hellendesouza@gmail.com

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil.

Sergio Camargo

sergio.camargo@ufpr.br

orcid.org/0000-0001-8766-5424

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), Curitiba, Paraná, Brasil.

O Texto discute elementos da formação continuada de professores da educação básica nas escolas indígenas do povo Haliti Paresí. Os Haliti Paresí são um povo Aruak que vive no planalto divisor das águas das bacias Platina e Amazônica, na região oeste de Mato Grosso. Os dados analisados fazem parte de registros sobre a formação continuada na área de Ciências da Natureza e Matemática, referindo-se principalmente às escolas localizadas na Terra Indígena Pareci, no município de Tangará da Serra – MT. O estudo usa como referência um conjunto de atividades de formação continuada desenvolvidas no contexto do projeto Terra como Princípio Educativo. Tem o objetivo de contribuir com as discussões acerca do atual modelo de produção de conhecimento, historicamente marcado pela invisibilidade e negação dos saberes tradicionais, e seus desdobramentos nos sistemas de educação escolar entre os povos indígenas. Uma perspectiva de trabalho de formação como o das oficinas de arco e flecha pode revelar os modos e as estratégias que os professores Haliti Paresí estão desenvolvendo no contexto das atuais políticas para afirmar o seu protagonismo e contribuir com as discussões acerca do fortalecimento e a valorização dos saberes tradicionais no contexto das escolas das aldeias e da formação continuada de professores indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Educação em ciências. Educação indígena.

INTRODUÇÃO

As discussões que levaram a construção de políticas públicas de formação inicial e continuada de professores indígenas, desde uma perspectiva que considere os interesses e o protagonismo dos povos indígenas, é recente. Tais políticas se constituíram ancoradas a um conjunto de narrativas que pensaram educação escolar indígena como um espaço de luta e afirmação das demandas dos povos indígenas e diálogo entre os saberes tradicionais e os saberes validados pelos sistemas de educação escolar no país. Este texto, como relato de experiência¹, apresenta aspectos da formação continuada na área de ciências da natureza de professores indígenas Haliti Paresí.

Os Haliti Paresí são um povo indígena falante de uma das línguas Aruak, são cerca de 2186 pessoas e vivem distribuídos em 64 aldeias em nove Terras Indígenas, já demarcadas, localizadas nos municípios de Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Campos de Júlio, Diamantino, Nova Lacerda, Conquista do Oeste, Barra do Bugres e Nova Marilândia no estado de Mato Grosso, região central do Brasil (OPAN, 2019).

Os Haliti Paresí dizem quem são desde o seu mito de origem:

Eu tenho uma história sobre o povo Paresí, como surgiu o povo Paresí na Chapada dos Parecis. Muitos anos atrás, eu acho que no tempo da formação da terra e do céu, e a história conta que os mais velhos, os velhos contam que os Paresí moravam numa rocha fechada, sem janela, sem nada, mas dentro da rocha a multidão dos Paresí, estavam muito alegres, sempre fazia festa, mas um dia, só Deus que existia naquela época, aqui na terra não existia nada de pessoas humanas, só o Deus que existia.

Mas um dia Deus ouviu aquele barulho lá embaixo da rocha, então Deus deu rajada e abriu um buraco e viu que tem gente lá embaixo, desmaiados, assim deitados quase mortos. Aí Deus pensou que eram pessoas inocentes que poderiam ter saído da rocha para habitar na terra. Depois no dia seguinte e alguém viu o buraco aberto lá em cima e saiu para fora. E viu o mundo lindo e as flores perfumadas. E tinha cada flor de cores diferentes. E viu as coisas bonitas na terra e achou bom.

Aí depois retornou para embaixo da rocha e contou para as outras pessoas:

- Eu vi uma coisa linda na minha vida. Vi o mundo lindo cheio de flores perfumadas. Gostei muito.

Aí os amigos dele não concordavam, e não concordavam com o que ele viu, e não acreditavam. Mas ele mostrou a flor que ele levou da terra. E os amigos dele viram que a flor era tão linda e perfumada. E aí acreditaram com o que ele viu, e começaram a abrir mais buracos para eles poderem sair dali para fora. Então eles abriram, fizeram mais buracos, abriram...

E assim os Paresí saíram da rocha para fora. E gostaram muito das coisas do mundo e aí começou a viver, começou a fazer os filhos, filhas e assim os Paresí se multiplicaram. Se multiplicaram vendo os animais, e gostaram muito, e assim o Paresí se multiplicou na terra e até hoje continua vivendo no mesmo lugar.

E alguém já foi naquele local de onde os Paresí saíram, dizendo que ainda tem o sinal na rocha. Eu achei lindo essa história. Eu acho muito lindo, porque Deus estava com eles, que abriu um buraco para os

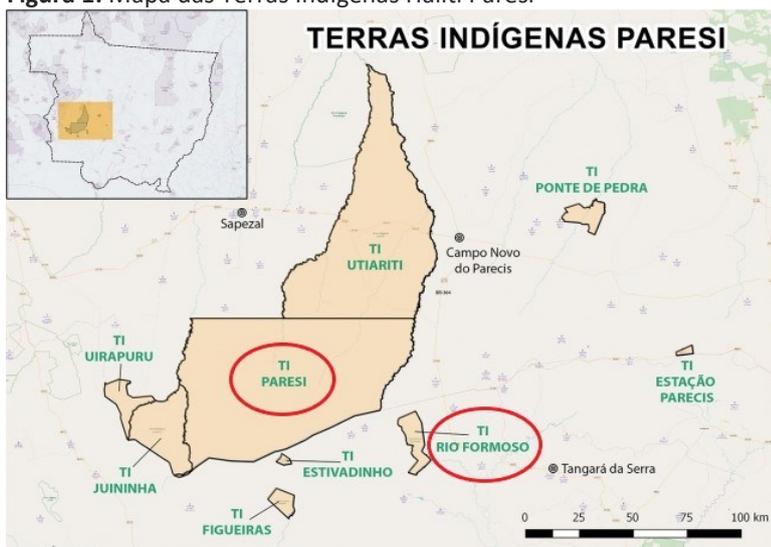
Paresí sair. Daí que os Paresí entenderam que existe um Deus, Deus verdadeiro! E assim foi a história do Paresí! Alinor Alves Zizonai, Professor, Aldeia Felicidade 1995 (SOUZA, 1997, p.31).

Esta é uma das várias versões do mito de origem do povo Haliti Paresí atualizada, se pode afirmar, desde uma perspectiva religiosa. O mito revela quem eles são, o encantamento com o mundo e a sua origem em uma das pedras da região onde vivem e chama a atenção para a beleza das cores e os perfumes da imensa chapada, que como eles, recebeu o nome de Parecis.

Os Paresí são tradicionalmente bons agricultores, ceramistas e desenvolveram uma bela arte têxtil. Internamente, conforme os registros mais antigos se subdividem em cinco subgrupos: Waymare, Kaxiniti, Warere, Kawali e Kozarene. Atualmente cerca de 80% da população se identifica como Kozarene e entre estes Kahete e Enomanyere se auto reconhecem como kozarenes e habitam principalmente a Terra Indígena Parecí, Formoso, Estivadinho, Figueira, Juininha e Uirapuru em processo de demarcação todas localizadas abaixo do Paralelo 14s.

A região onde os Haliti Paresí vivem é o divisor de águas das bacias Platina e Amazônica, o mapa na figura 1 mostra a localização das Terras Haliti Paresí:

Figura 1: Mapa das Terras Indígenas Haliti Paresí



Fonte: Adaptado de VERA (2017).

No mapa, destacadas em vermelho estão as Terras Parecí e Formoso no município de Tangará da Serra onde se localizam as escolas e as discussões relacionadas a este texto e em verde a localização das escolas construídas pelo do Serviço de Proteção aos Índios e localização dos Trabalhadores Nacionais em Utiariti e Ponte de Pedra que inauguraram o projeto de educação escolar entre os Haliti Paresí.

PERCURSOS, PROPOSTAS METODOLÓGICAS E PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E TEÓRICAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR ENTRE OS HALITI PARESÍ

As escolas em Utiariti e Ponte de Pedra são parte do primeiro projeto de educação escolar entre os Haliti Paresí e datam da primeira década do século XX. Foram criadas pelo Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores

Nacionais (S.P.I.L.T.N.) no contexto da construção da Expansão das Linhas Telegráficas de Matto Grosso ao Amazonas:

Rondon construiu duas escolas internato entre os Paresí, uma em Utiariti, palavras que os textos da Comissão Rondon grafaram Uti-Ariti e traduziram por padre-médico. Um informante no Iliocê, disse-me que Utiariti é anjo, um ser com luz, luminoso, e que quem batizou a cachoeira e aquele lugar com esse nome foi o Marechal Rondon. A outra escola foi construída em SukuriWinã, território sagrado de origem, também rebatizado por Rondon com o nome de Ponte de Pedra. Ao associar a educação escolar com territórios e palavras sagradas, é possível que Rondon estivesse pretendendo desmistificar o 'pensamento indígena' e iniciá-lo, via escola, em um outro nível de conhecimento. A ação de Rondon, bem ao gosto do positivismo, objetivava tornar o espaço místico em espaço de produção e solidificação de novos conhecimentos e tecnologias que possibilitassem a inserção dos Paresí na economia regional (SOUZA, 1997, P.95).

É importante considerar que, portanto, entre os Paresí as primeiras escolas eram escolas públicas, federais e profissionalizantes, mas com o declínio das linhas telegráficas estas escolas foram desativadas em 1928. Na década de 30 a Missão Anchieta (MIA) ocupou as estruturas deixadas pelo SPI em Utiariti e a partir de 1945 abrigou centenas de crianças dos povos indígenas da região Paresí, Kayabi, Apiaká, Irantxe, Rikbáktsa e Nambikwara. O depoimento abaixo é de Daniel Matenho Cabixi, liderança Haliti Paresí, uma das crianças abrigada pelos jesuítas em Utiariti:

Para que haja um entendimento mais próximo da educação escolar, em novos contextos políticos e culturais, eu gostaria de falar rapidamente sobre a minha experiência individual em termos da aprendizagem em uma escola de brancos, que num primeiro momento se deu na missão dos padres jesuítas de Utiariti, da minha primeira infância e segunda infância até a adolescência. Com dois anos eu fui tirado da aldeia e fui levado para esse patronato dos padres jesuítas. Tanto é verdade que eu não tive oportunidade de crescer junto com a minha mãe, com os meus parentes, com os meus tios, com os meus avós, com as minhas bisavós, na aldeia, e isso criou uma ruptura muito grande em termos do meu conhecimento das tradições do meu povo. Foi uma perda da qual eu me ressinto muito, hoje em dia ainda. Mas, se por um lado eu perdi, eu não devo negar que, por outro lado, também, ganhei. (...) o modelo de ensino que as missões adotavam em Utiariti, modelo esse que foi destruidor, que não reconhecia as culturas indígenas – (...) O importante para mim é esclarecer a vocês que esse modelo de ensino trouxe uma destruturação cultural, uma destruturação ideológica, política, social e, eu diria, até econômica, porque a geração de adultos de hoje, que passamos pelas escolas da missão, hoje a gente percebe que sente uma dificuldade enorme em restabelecer os laços com a tradição antiga; perdeu a capacidade de iniciativa, de buscar junto aos anciãos que detêm o conhecimento tradicional, e de restabelecer novamente, dentro das circunstâncias de hoje, uma nova estratégia de recuperação da cultura.

O depoimento do líder Paresí aponta para um conjunto de temas centrais para a discussão que este texto propõe e merece destaque o tema da cultura e do diálogo entre saberes. Ele também considera as questões da língua que passam a

ser recorrentes nas escolas da Sociedade Internacional de Linguística (SIL) que chegam aos territórios dos Haliti Paresí na década de 1960.

Os missionários da SIL se estabeleceram na região da antiga aldeia Cabeceira do Osso nos anos 60 e trabalhando com a variante linguística falada pelos Kozarene desenvolveram o primeiro projeto de alfabetização em língua materna entre os Haliti Paresí. Machado (1994) observa que no século XX os Paresí se referiram a Rondon e ao missionário do SIL com o mesmo nome do herói mítico tradicional. Nos anos 70 uma outra visão de missão e atuação entre os povos indígenas levou os jesuítas a desativarem o projeto missionário de Utiariti e a levarem as crianças indígenas de volta para as aldeias (SOUZA, 1997, p.97).

Além dos jesuítas, até o final dos anos 80 as escolas entre os Haliti Paresí foram mantidas por diferentes projetos missionários católicos e evangélicos que disputavam a região como a South American Indian Mission, as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e a SIL que se estabeleceram nas terras indígenas abaixo do Paralelo 14s.

Nos anos 80 a Fundação Nacional do Índio com recursos do Polo Noroeste criou três escolas entre os Kozarene, mas somente a partir dos anos 90 quando se deu a transferência da responsabilidade da educação escolar indígena da Fundação Nacional do Índio (Funai) para os municípios, com isso, foi possível pensar na ampliação do acesso às séries iniciais do ensino fundamental no próprio território e também os primeiros passos de perspectiva de educação escolar pensada desde os interesses das aldeias e coordenada por professores indígenas (em formação de nível médio) e lideranças.

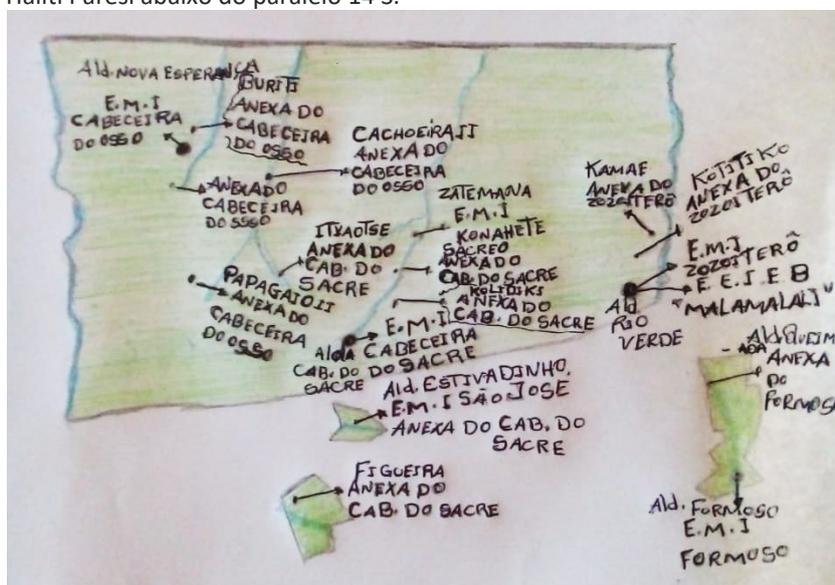
Em Mato Grosso, a formação de nível médio para professores indígenas, destaca-se o Projeto Tucum ocorrido na segunda metade dos anos 1990, apoiada nas demandas do movimento indígena e na emergência no cenário nacional da discussão sobre educação escolar indígena apoiada nas experiências alternativas que se mostravam exitosas em diferentes regiões do país. No início do século XX a proposição de um conjunto importante de políticas educacionais com recorte étnico cultural contribuiu para consolidar em Mato Grosso, via Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), uma inovadora política de formação de professores indígenas no nível superior muito alinhadas as discussões de formação específica e diferenciada que se consolidavam no país (MEDEIROS; GITHY, 2018).

Em Tangará da Serra, todas as escolas que atendem à educação infantil e ao Ensino Fundamental são municipais. Além disso, há uma única escola estadual na Aldeia Rio Verde que oferta o Ensino Médio. O mapa ilustrado na figura 2 mostra a localização das escolas indígenas Haliti Paresí. É possível observar que a filiação administrativa das escolas está relacionada com os rios próximos, conforme indicado no mapa ilustrado na figura 2

A criação de escolas nas aldeias como uma política pública, a expansão da rede de acesso para as séries iniciais do Ensino Fundamental e a formação de professores entre os Kozarene, das Terras Indígena Pareci e Formoso no município de Tangará da Serra é dos anos 90 e, portanto, mostram que a educação escolar, como um direito público, é uma experiência recente entre os Haliti Paresí do subgrupo Kozarene e se dá no contexto da consolidação das políticas recentes de fortalecimento da educação escolar indígena no Brasil.

As discussões e as análises apresentadas neste texto são decorrentes das discussões e atividades propostas pelo ‘Coletivo da Terra’ um grupo não institucionalizado de professores ligados ao ensino e a pesquisa das escolas das modalidades campo, quilombo e indígena de diferentes regiões e instituições do Brasil, Peru, Bolívia e Colômbia com as escolas e lideranças dos movimentos sociais ligados a luta pela terra na região sudoeste de Mato Grosso. Organizadas em torno das atividades e discussões institucionalmente vinculadas ao Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade (NEED), ao Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (Cefapro e às escolas indígenas do assentamento e quilombo da região, aos poucos, desenvolveu-se entre nós a noção da Terra como Princípio Educativo. Trata-se de pensar que há um modo específico e particular de pensar a educação escolar como espaço de luta, que é próprio das escolas das modalidades.

Figura 2: Desenho representando o mapa da localização das escolas indígenas Haliti Paresí abaixo do paralelo 14 S.



Fonte: Autoria própria (2022).

Nesse sentido, foi possível pensar que a luta pela terra e pela permanência da terra, que é comum às escolas indígenas, do campo e quilombolas, impacta o modo como essas escolas e comunidades compreendem o conhecimento e a relação com o conhecimento, e isso modifica o currículo, as práticas pedagógicas e o cotidiano dessas escolas, e é claro, a formação de professores. Pensar os conhecimentos tradicionais como conhecimentos escolarizáveis, no contexto da escola indígena, tem um sentido tão complexo quanto diverso e aponta para "[...]el establecimiento de una relación diferente con el conocimiento, que supone el reconocimiento y el diálogo con los modos de producción y socialización de los saberes tradicionales" (SOUZA, 2019, p. 156). O modelo de oficinas, como a da Arco e Flecha, na aldeia Rio Verde, que é o tema central deste trabalho revelam que os próprios professores Indígenas Paresí se posicionam como professores formadores e procuram envolver a cultura do seu povo na formação, ou seja, a luta por uma formação intercultural que valoriza os saberes tradicionais na educação.

O texto analisa registros de atividades de formação continuada realizadas na Escola Estadual Indígena Malamalali / Escola Indígena Zozoiterô, localizadas na

aldeia Rio Verde, Terra Indígena Parecí, durante a oficina 9 intitulada 'Arco e Flecha e o Currículo da Educação Básica', no contexto do VII Fórum de Educação e Diversidade na UNEMAT em 2017². Essas atividades podem ser compreendidas a partir da "interface entre interculturalidade, as modalidades de ensino da Educação Básica e seus desafios para a constituição de currículos e formação docente com pertinência sociocultural" (MORAES *et al.*, p. 36-40, 2022), e, portanto, contribuem com as discussões sobre o atual modelo de produção de conhecimento, historicamente marcado pela invisibilidade e negação dos saberes tradicionais, bem como seus desdobramentos nos sistemas de educação escolar entre os povos indígenas.

Ademais, o texto procura destacar que as oficinas de arco e flecha como atividade de formação podem revelar os modos e as estratégias que os professores Haliti Paresí estão desenvolvendo no contexto das atuais políticas, a fim de afirmar seu protagonismo e contribuir com as discussões sobre o fortalecimento e a valorização dos saberes tradicionais no âmbito escolar das aldeias e na formação de professores indígenas.

Ao analisar o conteúdo do Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2017 das escolas Haliti Paresí da rede municipal em Tangará da Serra, conforme citado pela professora Francisca Novantino de Angelo em seu trabalho, observam-se os sete princípios da educação contidos no PPP, que pretendem representar que a educação escolar está orientada pela base de elementos culturais Haliti-Paresí (ANGELO, 2018, p. 276).

Tal como citados no texto de Angelo (2018, p. 276), os sete princípios aparecem assim:

1º A FLECHA - Em muitas décadas de existência e gerações, o povo Haliti sempre considerava que o principal instrumento de defesa seria o conjunto de arco e flecha. As gerações anteriores não conheciam a escrita.

2º INSTRUMENTOS HALITI-PARESI - Os nossos sábios tradicionais buscavam a educação usando os próprios instrumentos, como clava, flecha, bordunas e outros. Porém, na contemporaneidade, na sociedade globalizada e moderna, essa forma de manifestação, talvez, seria incoerente na concepção de muitos não indígenas. Mas é importante na afirmação da cultura.

3º EDUCAÇÃO DIFERENCIADA, ESPECÍFICA, INTERCULTURAL e BILÍNGUE - Visamos que a Educação Diferenciada, Específica, Intercultural e Bilíngue afirmará a nossa identidade como Haliti e contribuirá para a efetivação da autonomia, objetivando a formação com ensino tradicional Haliti-Paresí e formal.

4º IDENTIDADE - Sabemos e compreendemos que a educação diferenciada, específica, intercultural e bilíngue deve ter como ponto de partida a nossa Hati/Wenakalati, valorizando a praticidade da Língua Materna para melhor compreensão, afirmação, síntese e aprendizagem dos alunos indígenas Haliti-Paresí.

5º HATI KALOREZE - Por isso, no desenho, visa a Hati, sendo ambiente de ensino e formação no contexto sociocultural, visando à educação diferenciada. O povo Haliti-Paresí educa e forma seus filhos e netos no interior da HATI em diferentes tempos.

6º COSMOLOGIA HALITI - No desenho, aparece o espaço infinito com elementos naturais, que representa o conhecimento e visão cósmica. Este conhecimento é difundido através dos sábios e educadores para a sensibilização de outras etnias e povos e compreensão aprofundada para com a crença Haliti.

7º EDUCAÇÃO MODERNA - Atualmente, compreendemos que os não indígenas defendem e exigem seus direitos com formalidade. A Educação Escolar Indígena Haliti-Paresí tem relevante responsabilidade e compromisso na formação dos alunos indígenas Haliti-Paresí, com conhecimento básico, propondo o tradicional Haliti-Paresí e formal.

É recorrente entre os povos indígenas do Brasil a associação entre o arco e a flecha e a escrita, ambos pensados como elementos culturais para a defesa do povo. Para os Haliti Paresí, a flecha é o primeiro princípio da educação escolar, o conhecimento e o uso da flecha são passados de geração em geração. A habilidade em manuseá-la com destreza é fonte de orgulho e respeito. A flecha, de certa forma, pode ser vista como um símbolo da resistência frente à colonização e à opressão histórica enfrentadas pelos povos indígenas. Ao associar flecha e caneta ou flecha e escrita os Haliti Paresí atualizam no campo da educação escolar suas estratégias de luta e sobrevivência.

Para dar visibilidade a estas discussões na constituição dos dados foram acessados os arquivos pessoais dos professores autores, os relatórios das atividades do projeto, bem como os registros com os professores não indígenas da Educação Básica que participaram das oficinas. Os registros realizados após a finalização das atividades estão gravados e ocorreram com um roteiro pré-estruturado para registros individuais e coletivos. Um conjunto importante de áudio e vídeos das redes sociais dos envolvidos, embora disponível, não foi adequadamente, tratado para a análise neste texto. No entanto, serve como evidência das oficinas e aparece nas referências.

AS MEMÓRIAS DO ARCO E FLECHA NA OFICINA DE FORMAÇÃO MULTICULTURAL NA ESCOLA HALITI PARESÍ

As oficinas foram planejadas para serem realizadas com os professores da Educação Básica em um único dia, com duração total de oito horas. Ao chegar na Aldeia Rio Verde e informar o espaço em que cada uma seria oferecida, fomos informados de que toda a comunidade (professores, alunos, crianças, idosos, etc.) iria participar de todas as oficinas naquele dia. Portanto, todos os presentes participaram de todas as oficinas. Assim, as oficinas foram oferecidas uma a uma ao longo do dia. A oficina 9, que tratou do "Arco e Flecha e o Currículo da Educação Básica", foi oferecida no final da tarde, sendo a última oficina do dia e teve um pouco mais de tempo para ser ofertada com atividades realizadas ao ar livre em um momento menos ensolarado. Para o planejamento da oficina, houve uma reunião prévia na UNEMAT, com a participação dos professores autores que faziam parte do projeto e do professor indígena, autor do trabalho, na época acadêmico do curso de licenciatura em Ciências Matemáticas e da Natureza na Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) situada no campus da UNEMAT na cidade de Barra do Bugres - MT. A intenção era trabalhar um tema ligado à cultura indígena, envolvendo professores indígenas e não indígenas. Assim, foi planejada uma oficina que tratasse da temática do arco e flecha. O professor indígena

selecionou previamente os materiais necessários para a oficina. Durante sua realização, os professores indígenas se encarregaram de apoiar, confeccionar e explicar os detalhes da fabricação, alguns aspectos da língua, da escolha e trato dos materiais e seu manuseio para os professores não indígenas. A comunidade indígena e professores não indígenas, se envolveram ativamente na confecção dos instrumentos. Para alguns professores, serviu de primeiro contato com esse tipo de artefato de caça, mas ao final, todos puderam lançar as flechas que ajudaram a construir. Em seu perfil no Facebook, Miriam Barbosa postou imagens com fotos e vídeos oriundos dos registros das oficinas ocorridas na escola (BARBOSA, 2017).

As tecnologias indígenas do povo Haliti-Paresí são uma das marcas da identidade do povo, são frutos de gerações de observação e interação. Esses conhecimentos são passados de geração em geração e incorporam a sabedoria acumulada da comunidade ao longo do tempo, optamos por um pequeno recorte explicativo em vídeo de um dos professores participantes da oficina, no vídeo o Professor Jurandir explica para os professores não índios a respeito dos materiais e suas origens - fios de tucum, usados na amarração da flecha aspectos linguísticos da cultura Paresí (SANTOS, 2022).

O vídeo pode ser uma ferramenta para disseminar esses conhecimentos. É interessante notar como a oficina proporcionou um espaço de troca de conhecimentos e valorização da cultura indígena, permitindo que os professores não índios aprendessem com os professores indígenas e, conseqüentemente, pudessem trabalhar esses aprendizados nas suas práticas pedagógicas na escola.

A seguir, o professor indígena Leandro Nenezokae, do Povo Haliti Paresí, da Aldeia Cabeceira do Sacre, ministrante da oficina em abril de 2021, descreveu o processo de produção da flecha, que foi problematizado na oficina ofertada na Escola Estadual Indígena Malamalali, Aldeia Rio Verde, Terra Indígena Pareci em Tangará da Serra no Mato Grosso.

Arco e flecha

Os ancestrais do Povo Haliti Paresí, que fizeram os primeiros arcos e flechas, mas os primeiros arcos e flechas não foram bons. Testaram várias plantas até achar uma matéria prima ideal para fazerem arco e flecha resistente e bom. Essas plantas são taquara e ciriva. Taquara é para fazer flechas e ciriva é para fazer arco e ponta de flecha.

De acordo com mitologia do Haliti Paresi, os ancestrais testaram muitas matérias primas para achar uma matéria prima ideal para fazerem arco e flecha. Até os dias de hoje suas gerações usam a mesma matéria prima para confeccionar arco e flecha.

Arco e flecha é confeccionado a qualquer momento. A pessoa faz arco e flecha desde que necessitem. As duas tecnologias servem para caça, pesca e para sua defesa. Além disso, tem arco e flecha para brincadeira, mas é feito da mesma matéria prima.

Para confeccionar arco e flecha as matérias primas necessárias são: Taquara, pena de ave, cera de mel, fios de tucum, ciriva e taquaruçu. As retiradas das matérias primas são feitas a qualquer momento, quando a pessoa precisa para confeccionar. As matérias primas são retiradas das matas, morros, cerrados, de aves do cerrado e da mata. Para confeccionar Arco o primeiro passo tem que retirar o ciriva da mata ou do morro. Após isso, fatar ciriva para colocar na água para ficar menos dura para iniciar confecção, arco é feito com a faca. Assim que fica pronto é necessário ter corda de tucum para esticar arco.

Para confeccionar flecha primeiro tem que retirar taquara da mata ou do morro. Segundo passo é ter penas das aves, mas penas tem que ser sempre de diferentes lados e não pode ser mesmo lado, cera de mel e fios de tucum. Terceiro passo é alinhar a taquara usando o fogo e após isso é cortar a taquara no tamanho certo para iniciar a confecção da flecha e para colocar penas na taquara a pessoa tem que cerar a taquara no local que vai ser colocado as penas e após isso, o fio de tucum é cerado para amarrar as penas na taquara e por último é amarrado na ponta da taquara com fio de tucum cerado para colocar a ponta. Para fazer a ponta da flecha é necessário ter ciriva e Taquaruçu. Das pequenas partes da ciriva e taquaruçu é feito a ponta da flecha.

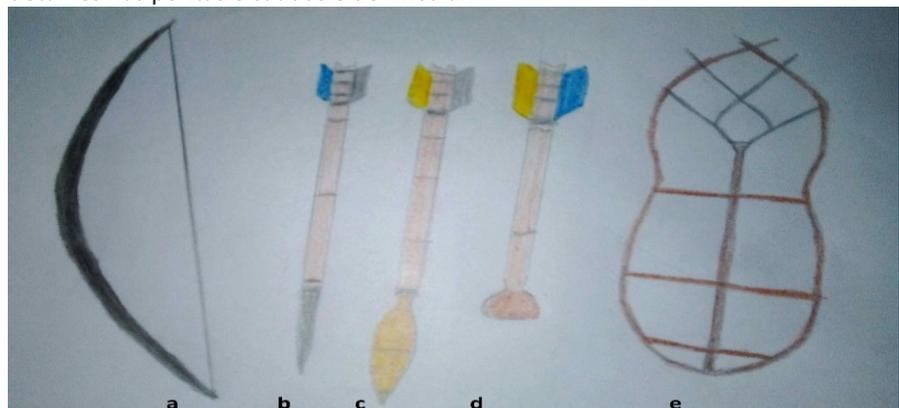
O arco de ciriva é resistente devido às fibras. Com isso, ela é útil para ter resistência para esticar muito, para lançar a flecha com muita velocidade. Para flecha ser de qualidade, tem que ser bem-feita. Com isso, ela pode pegar muita velocidade e com mais chance de acertar alvo. Para uso do arco e flecha, a pessoa tem que ter técnica e habilidade para caçar, pescar e brincar. No caso, da pessoa não ter técnica e habilidade com arco e flecha e muito perigoso pode se machucar ou machucar alguém.

O arco e flecha apenas os homens usam na cultura Haliti Paresí. As mulheres não podem utilizar arco e flecha e nem confeccionar.

De acordo com o desenho e descrição do professor Leandro Nenezokae, na figura 3 é representado o desenho do arco e três tipos de flechas: (a) desenho do arco; (b) flecha com ponta feita de ciriva, essa flecha serve para caçar animais pequenos até animais maiores e para defesa também. (c) Flecha feita de taquaruçu, é mais usada para matar animais maiores, grandes, porque rasga mais. (d) A flecha de taquara, com ponta arredondada, é feita a partir de uma taquara normal e mais usada para caçar passarinho e para brincar, em (e) representa o imbaian, que é uma vestimenta que serve como “esconderijo”, utilizado para realizar a caça, conforme está escrito antropologicamente nas histórias.

Uma questão importante em relação ao uso do instrumento é o correto posicionamento para segurar o arco e a flecha, bem como a inclinação da flecha. Dependendo da distância, tamanho e posicionamento do alvo, o posicionamento e o olhar devem ser ajustados, conforme ilustrado na Figura 4. A inclinação da flecha depende do tipo de tiro. Para um tiro reto, a flecha deve ser posicionada perpendicularmente à corda do arco.

Figura 3: Desenho representativo do arco de ciriva, tipos de flechas com os detalhes nas pontas e caudas e do imbaian.



Fonte: Autoria própria (2022).

Para um tiro curvo, a flecha deve ser inclinada para um lado ou para o outro, dependendo da direção do arco. O arqueiro também deve ajustar o posicionamento e o olhar de acordo com a distância, o tamanho e o posicionamento do alvo.

Figura 4: mostra o posicionamento do atirador, as flechas e uso correto do instrumento instantes antes do disparo.



Fonte: Autoria própria (2021).

Ao apresentar o tema da flecha como componente curricular, o relato evidencia a riqueza e a diversidade do conhecimento indígena. Embora inicialmente associado aos conteúdos explorados disciplinarmente pela Física no Ensino Médio, o relato transcende as fronteiras disciplinares e pode ser explorado por componentes curriculares de outras áreas do conhecimento.

Mais do que isso, o relato traz à tona a importância dos processos e metodologias na transmissão do conhecimento indígena. A afirmação "As primeiras flechas não ficaram boas" revela um aspecto fundamental da cultura indígena, que valoriza a aprendizagem a partir da tentativa e erro, em contraposição a um modelo que privilegia apenas o acerto. Essa perspectiva didática e curricular que emerge do relato é uma importante contribuição para o campo educacional intercultural. Ela desafia o modelo dominante de educação, que muitas vezes nega ou invisibiliza as diferentes formas de conhecimento e valoriza apenas uma visão hegemônica da ciência. Nesse sentido, o relato abre caminho para uma educação que valoriza a diversidade cultural e busca promover uma aprendizagem intercultural, em que diferentes formas de conhecimento possam dialogar e se enriquecer mutuamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma discussão inicial sobre os elementos da formação continuada de professores indígenas nas escolas de Educação Básica do povo indígena Haliti Paresí, habitantes tradicionais do planalto que divide as águas das bacias Amazônica e Platina, na região oeste do Estado de Mato Grosso. A Educação escolar entre os Haliti Paresí é uma experiência do início do século XX e difere da experiência de outros povos indígenas do Brasil, pois as primeiras escolas para os Haliti Paresí foram escolas públicas capitaneadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

Os registros analisados neste texto relacionam-se às discussões que se alinharam às críticas aos modos como os projetos de educação escolar se relacionaram com os modos tradicionais de produção de conhecimento entre os povos indígenas. Consideramos que as pesquisas sobre a escolarização dos povos indígenas foram capazes de demonstrar/denunciar os projetos de educação escolar como uma ponta de lança do sistema colonial, mas não permitiram ver que os povos indígenas atuaram no sentido de ressignificar a seu favor os projetos de escolarização de diferentes agências, nem tão pouco as estratégias indígenas de sobrevivência em contextos marcados pela violência e pelo conflito (SOUZA, 2019).

A proposição das oficinas e as discussões teóricas e metodológicas que orientaram a proposição deste texto estão alinhadas a um conjunto maior de experiências e discussões acerca da noção da Terra como Princípio Educativo, projeto que articula também escolas do campo e quilombolas, considerando que essas escolas partilham dos desafios de populações que têm em comum a luta pela terra e pela permanência na terra em um contexto marcado pela hegemonia da concentração de terra e do agronegócio, tal como se apresenta em Mato Grosso.

Consideramos que a luta pela terra e pela permanência na terra tem impacto sobre as comunidades indígenas, quilombolas e dos assentamentos, e o modo como as escolas dessas modalidades compreendem o conhecimento e a relação com o conhecimento, e que isso modifica o currículo, as práticas pedagógicas e o cotidiano dessas escolas, e é claro, a formação de professores

Pensar os conhecimentos tradicionais como conhecimentos escolarizáveis, no contexto da escola indígena, tem um sentido tão complexo quanto diverso e aponta para o “[...] *establecimiento de una relación diferente con el conocimiento, que supone el reconocimiento y el diálogo con los modos de producción y socialización de los saberes tradicionales.*” (SOUZA, 2019, p. 156).

No contexto do acesso ao Ensino Superior e da pós-graduação, consideramos que tem muito valor as orientações, o encorajamento e o engajamento no fortalecimento de políticas públicas adequadas para que os povos indígenas busquem dar continuidade a sua formação profissional, propositiva do diálogo que, ao mesmo tempo que denuncia as desigualdades, os silêncios do sistema apontam também muitas brechas e possibilidades transformadoras.

E por fim consideramos que estes registros, tal como os apresentamos, podem ser pensados como alinhados a luta por uma formação intercultural que valoriza os saberes tradicionais na educação considerando que esses conhecimentos culturais tradicionais são importantes para o acesso e permanência na terra. Não é sem sentido que nos princípios da educação escolar para os Haliti Paresí a flecha tem papel fundamental, aparece em dois dos sete princípios da educação relacionada a defesa e as possibilidades de manifestação e protagonismo do povo.

Traditional stories of the bow and arrow as symbols of struggle in the school education of the Haliti Paresí people

ABSTRACT

The text discusses elements of the continuing education of teachers in basic education in indigenous schools of the Haliti Paresí people. The Haliti Paresí are an Aruak people who live on the plateau that divides the watersheds of the Platina and Amazon basins, in the western region of Mato Grosso. The analyzed data is part of records on continuing education in the area of Natural Sciences and Mathematics, referring mainly to schools located in the Pareci Indigenous Land, in the municipality of Tangará da Serra - MT. The study uses as a reference a set of continuing education activities developed in the context of the Terra como Princípio Educativo project. Its objective is to contribute to discussions about the current model of knowledge production, historically marked by the invisibility and denial of traditional knowledge, and its implications for indigenous education systems. A perspective of education, such as that of arrow and bow workshops, can reveal the ways and strategies that Haliti Paresí teachers are developing in the context of current policies to assert their protagonism and contribute to discussions about strengthening and valuing traditional knowledge in the context of village schools and continuing education for indigenous teachers.

KEYWORDS: Teacher education. Science education. Indigenous education.

NOTAS

1 Os dados que apoiam os resultados deste artigo encontram-se sob a guarda do autor Elias Antunes dos Santos e podem ser disponibilizados mediante solicitação.

2 Disponível em: <http://siec.unemat.br/anais/forum/>.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso e a UNEMAT.

REFERÊNCIAS

ANGELO, F. N. P. **Educação Escolar entre os povos indígenas de Mato Grosso: cinco casos, cinco estudos**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARBOSA, M. Educar Inovação Tecnológica Ltda parabeniza os participantes do "VII Fórum de Educação e Diversidade." **Facebook**, Aldeia Rio Verde, 19 set. 2017. Disponível em: <https://is.gd/iwiMx>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MACHADO, M. F. R. **Índios de Rondon: Rondon e as Linhas Telegráficas na visão dos sobreviventes Wáimare e Kaxinití, grupos Paresí**. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

MEDEIROS, I. A.; GITAHY, L. Universidade e Educação Escolar Indígena: o 3º grau indígena para formação de professores. **História e Diversidade**, v. 10, p. 137-151, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/3234>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MORAES, M. C.; STIELER, M. C.; SOUZA, H. C.; MOURAD, L. P. Ecologia de saberes e interculturalidade como inéditos viáveis para fomentar a formação de professores. *In*: RIBEIRO, M. T. D.; PEREIRA, B. C. (Org.). **Pluriverso educativo nas reinvenções científicas e socioambientais**. Curitiba: CRV, 2022. p. 35-54.

OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA. **Plano de Gestão: Haliti Paresi - Território Indígena Haliti-Paresi**. Cuiabá, MT: OPAN, 2019. Disponível em: https://amazonianativa.org.br/wp-content/uploads/2021/08/PGTA_Haliti-Paresi_2019.pdf. Acesso em: 01 dez. 2022.

SANTOS, E. A. Vídeo da Oficina a respeito de fabricação de uma flecha explicada pelo professor Jurandir. **Facebook**, 2022. Disponível em: <https://fb.watch/hrkIDNXVzO/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

SOUZA, H. C. **Entre a aldeia e a cidade:** educação escolar Paresí. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

SOUZA, H. C. Interculturalidad, educación escolar y movimientos sociales en Brasil. *In:* GONZÁLEZ, J. E.; LÓPEZ, C.; PINILLA, S. (Org.). Multiculturalismo e interculturalidad en las Américas. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2019. p. 151-173. (Cátedra UNESCO - Diálogo Intercultural). Disponível em: https://www.academia.edu/40115208/multiculturalismo_e_interculturalidad_en_las_americanas. Acesso em: 01 dez. 2022.

VERA, G. Povo Paresi valida etnomapeamento elaborado nas aldeias, avançando na elaboração de seu plano de gestão territorial indígena. **Obind**, 2017. Disponível em: <http://obind.eco.br/2017/11/10/povo-paresi-valida-etnomapeamento-elaborado-nas-aldeias-avancando-na-elaboracao-de-seu-plano-de-gestao-territorial-indigena/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Recebido: abril 2023.

Aprovado: abril 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v7n1.16746>.

Como citar:

SANTOS, E. A.; NENEZOKAE, L.; SOUZA, H. C.; CAMARGO, S. As histórias tradicionais do arco e flecha como símbolos da luta na educação escolar do povo Haliti Paresí. **Ens. Technol. R.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 43-57, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/16746>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Elias Antunes dos Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Curso de Engenharia Civil, Rodovia MT 358, km 07 Jardim Aeroporto, Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

